

Distância entre os ricos e os pobres em pauta

Organizações independentes se reúnem no Rio

Elias Fajardo

Num mundo cada vez mais marcado por diferenças econômicas entre países ricos e pobres, fica difícil pensar na democracia, pois a maioria da população não tem condições sequer de pensar. A fome do Sul pobre e o esbanjamento do Norte rico do planeta são dois aspectos da mesma realidade: a má distribuição da riqueza. Estas são algumas das questões que têm esquentado o debate no Primeiro Encontro Internacional de Organizações Não Governamentais e Agências do Sistema da ONU, que se realiza no Hotel Glória, no Rio.

As organizações não governamentais (Ongs) são entidades independentes, sem fins lucrativos, que se espalham pelo mundo elaborando ou financiando projetos de desenvolvimento comunitário. No Brasil, surgiram durante a ditadura militar e realizaram centenas de projetos. Segundo Herbert de Souza, o Betinho, do Ibase — que, junto com o Iser, Fase, Centro Luiz Freire, e outros, organizou o encontro — na época em que os governos militares mandavam para fora nossas riquezas e contraíam imensa dívida externa, as organizações independentes trabalhavam no sentido inverso. “Elas captaram milhares de dólares empregados aqui”, afirma.

Hoje, a fase das ditaduras acabou e a Guerra Fria também. Neste novo contexto, está sendo repensado o papel das Ongs. Se antes eram vistas com desconfiança por governos e órgãos de finan-



Foto de Marcelo Tabach

Betinho: “Reforço para a cooperação internacional”

ciamento, hoje o BID, o Banco Mundial e os governos querem aprofundar o contato com elas. Mas, segundo Betinho, as organizações dos países em desenvolvimento não querem perder o contato com suas irmãs do Primeiro Mundo. E pretendem cada vez mais estar perto das populações, cujos interesses tentam defender com mais empenho do que os próprios partidos políticos.

Hoje, o próprio Banco Mundial reconhece que o dinheiro liberado para os governos raramente chega ao seu destinatário; as comunidades carentes em cada país. Neste sentido, Betinho afirma que as organizações são mais ágeis e eficientes. O encontro reúne 50 organizações do Norte (entendido como Euro-

pa e Estados Unidos), 30 da América Latina e 120 brasileiras.

Um documento lido no encontro ontem resume a visão de mundo das organizações independentes. Segundo seus representantes, neste momento o capital promove intenso processo de reconcentração de riqueza, do saber e do poder. “As decisões que afetam nossa qualidade de vida escapam do âmbito nacional e concentram-se em mãos de poucos governos e corporações multinacionais”, afirma o documento.

Dentro deste quadro, vivemos uma crise de civilização, “que devasta o planeta e exclui a maioria da população dos direitos básicos. Assim, desenvolvimento de um lado passa a significar

exclusão social do outro”, dizem os representantes das Ongs. Neste ponto, vem a denúncia: “O desenvolvimento excludente leva à fome, à doença, ao analfabetismo, à desinformação. Como pensar na democracia se não temos capacidade de pensar?” Mas a crise não é vista apenas como algo externo, pois as Ongs fazem autocrítica e reconhecem que elas próprias trabalham com a mesma concepção de desenvolvimento que criticam.

As desigualdades entre Primeiro e Terceiro Mundo se ampliam e, segundo as Ongs, os países da América Latina vivem uma crise de governabilidade. Neste contexto, o Estado atua “como repressor dos movimentos sociais e combate a emergência de novos atores coletivos que não aceitam ser reduzidos a cidadãos passivos e obedientes às imposições do poder”.

O documento analisa também os problemas do Primeiro Mundo, como o fim do Estado do Bem-Estar Social, a necessidade de guerra para manter a hegemonia política e o aumento da marginalização. Mas não basta criticar, é preciso propor maneiras concretas de reverter este quadro. “Um novo modelo de desenvolvimento deve contemplar um crescimento econômico moderado combinado com desenvolvimento social. O desenvolvimento é um esforço pessoal, grupal e comunitário em direção a um projeto político de uma nova sociedade”.

“Mais de um quinto da população mundial sobrevive com menos de um dólar por dia. A metade deste total está morrendo de fome. Num mundo capaz de produzir tanta riqueza, a morte de cidadãos por inanição é uma tragédia inconcebível”. A declaração não é de um irado latino-americano, mas do holandês Max Van Den Berg, secretário-geral da Novib, uma ong holandesa.

Segundo Van Den Berg, a pobreza não é um desastre natural; é um trabalho do homem. Já que há recursos suficientes para garantir a sobrevivência digna de toda a humanidade, o problema é a má distribuição de riqueza. Segundo o holandês, a pobreza extrema em alguns países e o consumo exagerado em outros são duas faces da mesma moeda.

A Novib partilha do pensamento, cada vez mais disseminado, de que, para satisfazer muitas das necessidades dos cerca de 1 bilhão de pobres, é preciso moderar o consumo excessivo dos ricos do Norte. “Os sistemas agrícolas devem se tornar ecologicamente saudáveis, a demanda quanto a matérias-primas e energia tem de ser limitada drasticamente e o desenvolvimento de novas tecnologias ecologicamente saudáveis deve ser estimulado”, escreve Van Den Berg.

Em termos objetivos, a holandesa Novib trabalha fazendo pressão por preços justos para o café, para o vestuário e pedindo um boicote europeu no consumo de madeira de lei. Em termos mais gerais, o secretário-geral acha que os países ricos do Norte deveriam limitar o uso de energia, matérias-primas e sua demanda de espaço ambiental. O Norte deveria também apoiar os países pobres no estabelecimento de uma política ambiental. A Novib fala inclusive na criação de um eco-imposto cujos recursos seriam destinados para o Sul.

Van Den Berg parte do princípio de que é preciso estimular um “comércio justo”, ao invés de um “comércio livre”, pois, segundo ele, um comércio livre quando há muita disparidade econômica entre os parceiros tende sempre a favorecer o mais forte deles.